

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 05/09/2019.

DOUTORADO EM GEOGRAFIA

Cristina de Moraes

Uma velha moldura habitada por silêncios, um fundo territorial e seis verbos para integrar: a formação territorial do Oeste catarinense (1880/1940)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO –
CAMPUS RIO CLARO

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Programa De Pós-Graduação Em Geografia

UMA VELHA MOLDURA HABITADA POR SILÊNCIOS, UM FUNDO
TERRITORIAL E SEIS VERBOS PARA INTEGRAR – A FORMAÇÃO
TERRITORIAL DO OESTE CATARINENSE (1880-1940)

Tese de Doutorado apresentada ao Pós-Graduação
em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências
Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como
requisito parcial para obtenção do título de Doutora
em Geografia

Orientação: Professor Doutor Paulo Roberto
Teixeira de Godoy;

Co-Orientadora: Professora Doutora Carla Mariana
Lois (UBA/CONICET)

Rio Claro - SP

2018

918.164 Moraes, Cristina de
M827u Uma velha moldura habitada por silêncios, um fundo territorial e seis verbos para integrar: a formação territorial do oeste catarinense (1880-1940) / Cristina de Moraes. - Rio Claro, 2018
352 f. : il., figs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy
Coorientadora: Carla Mariana Lois

1. Santa Catarina - Geografia. 2. Formação territorial. 3. Oeste catarinense. 4. Ideologias geográficas. 5. Práticas espaciais. 6. Fundo territorial. I. Título.

Doutorado
Cristina de Moraes

UMA VELHA MOLDURA HABITADA POR SILÊNCIOS, UM FUNDO
TERRITORIAL E SEIS VERBOS PARA INTEGRAR – A FORMAÇÃO
TERRITORIAL DO OESTE CATARINENSE (1880-1940)

Tese de Doutorado apresentada ao Pós-Graduação
em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências
Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como
requisito parcial para obtenção do título de Doutora
em Geografia.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy
IGCE – Unesp/Rio Claro

Profª Drª Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro
IGCE – Unesp/Rio Claro

Prof. Dr. Manoel Fernandes Sousa Neto
FFLCH – USP, São Paulo/SP

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado
CFCH – UFSC, Florianópolis/SC

Profª Drª Rogata Soares Del Gaudio
IGC – UFMG, Belo Horizonte/MG

Resultado: Aprovada

Rio Claro, SP, 05 de março de 2018.

Agradecimentos

O trabalho da pesquisa é um caminhar solitário, porém, não se faz sozinho. E nesse andar, longe de terras e hábitos *templanos* há presenças, apoios e companheirismos que ficam para além da escrita. E, portanto, é necessário agradecer aqueles/aquelas que tornaram possível a feitura desta tese e deste caminho.

Com enorme carinho e satisfação por tê-los na minha vida, agradeço o apoio, amizade, as longas, agradáveis e construtivas conversas tecidas com Tiago Cavalcanti, Raiane Florentino, Rafael Henrique Teixeira da Silva, Camila Benatti e Guilherme Caruso. Pessoas que sem sombra de dúvidas tornaram mais agradável esta jornada.

Sou grata ainda a Pati Martinelli, Messias de Lira, Lisa Farias, Rodrigo Cavalcanti e aos colegas do CEGeo: Beatriz, José Renato, Ricardo, Adma e Jéssica, bem como a todos os demais colegas, funcionários e professores que convivi.

Em especial, minha gratidão ao professor e amigo Fabrício Gallo pela amizade acolhedora e incentivo constante. Sempre pronto e disposto a oferecer uma mão amiga.

Minha gratidão também para com os funcionários de todos os acervos que realizei a pesquisa documental. Igualmente as funcionárias da Biblioteca da Unesp de Rio Claro, sempre gentis e prestativas, transformando o simples ato de retirar um livro um “encontro” que carinhosamente ficou em minhas lembranças deste ambiente.

Em especial aos professores Manoel Fernandes Sousa Neto e Paulo Pinheiro Machado pelo aceite de participar do desenvolvimento deste estudo enquanto avaliadores na qualificação e defesa. Sou grata ainda as professoras: Bernadete de Castro, que além de avaliadora deste trabalho final, sempre colaborou com seu carinho, acolhimento e exemplo de pessoa. Minha admiração por ti é enorme. Sou grata ainda a professora Rogata Soares del Gaudio pelas importantes contribuições, apontamentos e correções realizadas. Embora sou a única responsável pelo o que é afirmado neste trabalho, acredito que a pesquisa não seria a mesma se não tivesse recebido as orientações e sugestões que recebi de vocês. Portanto, ofereço os parcos resultados desta pesquisa, bem como, expresso minha imensa gratidão e estima.

Para a professora e co-orientadora Carla Lois fica uma nota especial por sua inestimável ajuda, pelo respeito recebido e pelo incentivo constante que serviram para tornar mais palpável o desenvolver desta pesquisa e evitar que “eu ficasse cega a luz da procura”. Suas

contribuições foram valorosas para além da pesquisa, mas também como exemplo de pesquisadora e pessoa.

Meus agradecimentos ao CNPq, agência de fomento responsável pelo financiamento desta pesquisa. Sem referido apoio financeiro este estudo seria praticamente impossível. Sou grata e desejosa que este auxílio seja multiplicado e distribuído para outros/outras pesquisadoras. A ciência é fundamental para o desenvolvimento social e para isto, é igualmente primordial que ciência, educação e tecnologia sejam âmbitos acessíveis a um amplo e diversificado conjunto populacional.

Por fim, mas não menos importante, meus agradecimentos aos meus familiares e aqueles que mesmo distante torceram por mim.

Muito obrigado!!

Era um fim de dia quieto
Para quem quisesse ouvi-lo
Apesar do céu sangrando
Alguns mateavam tranquilos.
Foi quando cascos nas pedras
E constâncias de esporas
Quebraram o calmo das casas
Chamando olhares pra fora.

Iam adentrando o povoado
Quatro homens bem montados
Três baios de cabos-negros
Bem à direita um gateado

Ponchos negros sobre os ombros,
Chapéus batidos na face
Silhuetas desconhecidas
Pra qualquer um que olhasse.

*Traziam vozes de mandos
Nas suas bocas cerradas
E aparecendo nos ponchos
Pontas de adagas afiadas.
Olhavam sempre por perto
Até mirarem um "ranchito"
E sofrenarem os cavalos
Onde um apeou solito.*

Primeiro um rangido fraco
Depois um grito "prendido"
E a intenção da adaga
Tinha mostrado sentido.
E os quatro em seus silêncios
Voltaram no mesmo tranco
Deixando junto a soleira
Vermelho num lenço branco.

Era mais um que ficava
Depois que os quatro partiam
*Por certo em baixo dos ponchos
Algum mandado traziam.
Traziam fios de adagas
E silêncios pra entregar...
-era um gateado e três baios
Foi o que deu pra enxergar!!*

Ninguém sabe, ninguém viu
Notícias viram depois.
Alguém firmava na adaga
Só não se sabe quem foi.
E o povoado segue o mesmo
Dormindo sempre mais cedo
Dormem ouvindo o silêncio
E silenciam por medo!

“No silêncio das janelas do povoado”.
Luiz Marengo.

Aquele ali, se aquecendo,
Que parece estar dormindo,
É o velho "seu" Esmelindro
Que ao pé do fogo se esconde,
Quando lhe falam, responde,
Mas senão, vive calado,
Olhar triste, entrecerrado
Perdido, não sei onde!

*É desses índios de estância
Que ninguém conhece o drama.*
Tem só os arreios da cama
E um poncho velho que o cobre.
E embora nunca se dobre,
Nem ao guascaço mais duro,
Pouco lhe importa o futuro,
Pois já nasceu pra ser pobre!

Conhece de tudo um pouco,
Trança, laça e gineteia
Não fala da vida alheia
Nem se mete em discussão
E já ao primeiro clarão,
A estrela d'alva saindo
Encontra o velho Esmelindro
De pé, batendo tição!

É quem recolhe os cavalos
Bem antes que o dia venha,
Puxa água e corta lenha
Pra as chinocas da cozinha.
É quem cuida de galinha
E dá quirera pra pinto.
Sabe tudo por instinto

E o que não sabe, adivinha!

Surgiu um dia na estância
Ao tanco dum baio-ruano
E ficou. Passou-se um ano,
Foi ficando, até ficar...
*E ao fim de tanto penar
Só tem, além da ossamenta,
Esse fogo onde se esquentar
E esse galpão que é o seu lar.*

A ninguém diz de onde veio
Nem tampouco pra onde vai.
Não tem mãe, nem teve pai
Que lhe acolherasse um nome
E à medida que se some
No tremendal da amargura
Vai vendo que sem ternura
As almas morrem de fome.

Por isso é que ao pé do fogo
Cabisbaixo e silencioso
Vive a pensar no repouso
Da cruz do campo, sozinha,
Quando ali de tardezinha
*O vento for repetindo:
Dorme aqui um tal de Esmelindro
Que nem sobrenome tinha!*

**“Seu Esmelindro”
Gabriel Ortaça**

Resumo

Esta pesquisa procurou analisar a formação territorial do Oeste de Santa Catarina, no período de 1880/1940, com o objetivo de desconstruir a interpretação de que os processos de formação possuem seu momento de gênese na implantação dos núcleos coloniais (a partir da segunda metade do século XX). Para isso, em um primeiro momento, constrói uma reflexão sobre como esta interpretação (da origem do Oeste catarinense a partir da colonização) produz uma moldura interpretativa que coloca em silêncio um significativo conjunto de eventos, agentes, relações e conflitos e acaba produzindo uma significação da “colonização” como evento fundador dessa região. Propõe-se como hipótese de investigação que essa perspectiva, de certo modo ainda vigente, acaba por tornar robusta a interpretação historiográfica proposta pela ideologia dominante. Sustenta-se, ainda, que a adoção do espaço-tempo de 1880-1940 como um fundo territorial em processo de integração corresponde a um fio investigativo que permite ultrapassar os silenciamentos produzidos pela historiografia. Também permite incorporar no enfoque acerca da formação dessa região alguns elementos que têm sido expurgados do passado oestino (como os conflitos advindos das relações de poder, os litígios territoriais, a atuação dos engenheiros militares na formação regional, o processo de mapeamento e racionalização etc). Conjuntamente com a ideia de fundo territorial, propõe-se que sejam consideradas as práticas espaciais que permitem a integração deste fundo. São identificadas seis práticas, as quais estão escritas na forma de verbos com o intuito de remeter a necessidade de compreendê-las sempre em uma perspectiva histórica, considerando-as sempre em movimento. São: partilhar, alinhar, conhecer, significar, tecer e cultivar.

Palavras-chave: Fundo territorial – Oeste catarinense – formação territorial – moldura interpretativa - práticas espaciais – ideologias geográficas.

Abstract:

This research intended to analyze the West territory formation of the State of Santa Catarina – Brazil, in the period of 1880 – 1940, aiming to break up the interpretation that the formation processes have their genesis moment in the implementation of colonial centers (from the second half of the XX Century). In this regard, at a first moment, it builds a reflection about how this interpretation (of the Santa Catarina West origin from the colonization) produces an interpretative frame that puts in silence a significant set of events, agents, relations and conflicts. Also produces a significance of the “colonization” as the founder event of this region. As an investigation hypothesis it is proposed that this perspective, in a certain way still valid, turns robust the historiographic interpretation suggested by the dominant ideology. It is argued yet that the adoption of the time-space 1880-1940 as a territorial fund in integration process agrees to an investigative line which allows to overcome the silences produced by historiography. Also allows to incorporate some elements that have been pushed out of the West past in the approach about this region formation (such as the conflicts from power relations, territorial disputes, military engineers performance in the regional formation, mapping and rationalization process, etc). Together with the idea of territorial fund, it is offered that all the space practices which allow the fund integration should be considered. Six practices are identified, in verb form, with the goal of contemplate the necessity of understanding them always under a historical perspective, always in movement: to divide, to baste, to know, to mean, to weave and to cultivate.

Key-words: territorial fund – Santa Catarina Wes – territory formation – interpretative frame – space practices – geographical ideologies.

Lista de Ilustrações

Figura 01: Carta da Província de Corrientes do Território de Misiones de autoria de Martin de Moussy.....	109
Figura 02: Parte do Mapa das Cortes (1749) “Pepiri” e o rio Santo Antônio.....	112
Figura 03: Carta “Le Paraguay”- Parte S. D’Anville.....	116
Figura 04: Mapa do Território Nacional de Misiones.....	120
Figura 05: “American Progress”	136
Figura 06: Mosaico de imagens capturadas durante os trabalhos demarcatórios entre os dois países, sob o título de “Cataratas do Iguaçu ou Salto de Santa Maria”	140
Figura 07: Mosaio com o Mapa do Estado do Paraná.....	143
Figura 08: Caricatura - República brasileira se opõe a partilha de Missões	146
Figura 09: Caricatura sobre o Mapa das Cortes.....	153
Figura 10: Mappa das Questões de Limites entre Paraná e Santa Catharina.....	174
Figura 11: Detalhe do Mappa das Questões de Limites entre Paraná e Santa Catharina.....	175
Figura 12: Legenda do Mappa das Questões de Limites entre Paraná e Santa Catharina.....	175
Figura 13: Mapa do Estado do Paraná (1896).....	177
Figura 14: Planta de Viação do Estado do Paraná no ano de 1906.....	178
Figura 15: Carta do Estado de Santa Catharina (1907).....	179
Figura 16: Mapa Geral mostrando a Estrada de Ferro de Paranaguá a Coritiba e seu prolongamento até a Foz do rio Iguaçu nos limites imperais com as Repúblicas do Paraguay e Argentina.....	182
Figura 15: Detalhe da porção Oeste do Mapa Geral mostrando a Estrada de Ferro de Paranaguá a Coritiba.....	183
Figura 18: Plano urbanístico de 1938, assinado por Serafim Bertaso.....	188
Figura 19: Imagem do monumento “o Desbravador”	192

Figura 20: Mosaico composto com imagens do Actas da Segunda Partida (Argentina/Brasil).....	205
Figura 21: Segundo mosaico composto com imagens do Actas da Segunda Partida.....	206
Figura 22: Imagens das cadernetas de campo.....	209
Figura 23: Mosaico de imagens referentes aos trabalhos demarcatórios da fronteira entre Santa Catarina e Paraná.....	211
Figura 24: Fazendas Registradas pela Comissão Demarcatória em 1916.....	213
Figura 25: Mapa da distribuição magnética da serra divisória da fronteira entre Brasil e Argentina divisor das águas do S.(anto) Antônio do Pepery Guassu, kilometro 09.....	217
Figura 26: Levantamento expedido pelo Coronel José B. Bormann como parte dos trabalhos da Colônia Militar do Chapecó.....	229
Figura 27: Detalhes do Levantamento expedido pelo Coronel José B. Bormann como parte dos trabalhos da Colônia Militar do Chapecó.....	229
Figura 28: Parte da Carta Corográfica do Paraná, ano de 1882.....	230
Figura 29: Mosaico de imagens relativas a Viagem de 1929.....	239
Figura 30: Propaganda usada pela Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia com emprego de mapas, plantas cadastrais e fotografias.....	251
Figura 31: Litografia “Os assentamentos alemães no Norte do Estado de Santa Catarina, Sul do Brasil”.....	252
Figura 32: Localização das Fazendas, Colônias e concessões territoriais no período de 1910-1920.....	260
Figura 33: Representação da mesma área, mas a partir de uma carta da localização das colônias militares nos Campos de Palmas.....	260
Figura 34 – Localização de algumas das concessões de terras “devolutas” do Estado e das fazendas.....	262

Figura 35: Foto do edital expedido pela Brazil Railway proibindo a ocupação e posse das terras situadas às margens do rio do Peixe.....	271
Figura 36: Caminhos e vias em 1880.....	279
Figura 37: “Schema da Parte do Sul do Brazil demonstrando a localização geral e linhas da Brazil Railway Company”	292
Figura 38: Mapa do Estado de Santa Catarina em 1927, com destaque para as comunicações construídas até o período.....	307
Figura 39: Mosaico comparativo de imagens das vias em 1880, 1882 (Campos de Palmas) e 1927 (Oeste catarinense).....	306
Figura 40: Destaque para a região Oeste catarinense a partir do “Mapa do Estado de Santa Catarina em 1927”, com as vias de comunicação existentes ao final da integração do fundo territorial Oeste catarinense.....	309
Figura 41: Propaganda da Colônia Bom Retiro em Concórdia – SC.....	318
Figura 42: Propaganda da Colônia Rio Branco.....	319
Figura 43: Propaganda da Colônia Concordia.....	320
Figura 44: Os assentamentos alemães no norte do Estado de Santa Catarina (Sul do Brasil), datada de 1898.....	322
Figura 45: Mosaico com detalhe de certificado de Técnico Agrícola e a Direita Brasão da Empresa Colonizadora Bertaso, Maia e Cia.....	328

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 01. DA PROBLEMÁTICA, HIPÓTESE E TESE.....	21
01.01. Alinhavando ideias, incômodos e estranhamentos.....	21
01.02. O atual conhecimento sobre a formação do Oeste catarinense.....	23
01.03. Do desconforto ao esboço de uma nova interpretação – o conceito de fundo territorial.....	35
CAPÍTULO 02. DO MÉTODO E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA DESFAZER A MOLDURA.	55
02.01. A apresentação da proposta construída.....	63
CAPÍTULO 03. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO TERRITORIAL DO BRASIL E SOBRE OS CAMPOS DE PALMAS NO FINAL DO OITOCENTOS.....	83
03.01. Considerações sobre a formação do território brasileiro no final do Oitocentos.....	83
03.02. Os “ <i>Campos de Palmas e territórios contíguos</i> ” no final do Oitocentos.....	100
CAPÍTULO 04. INTERESSES, MAPAS E LINHAS A PARTILHAR ESPAÇOS. O LITÍGIO DE MISIONES/PALMAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA INSERÇÃO DO FUNDO TERRITORIAL OESTE CATARINENSE.....	106
04.01. Em busca de estabilidade política e territorial na Bacia platina: o caso do litígio de Misiones/Palmas.....	106
04.02. La tierra del oro verde: a importância de Misiones na formação territorial da República Argentina.....	119

04.03. A interiorização do Império e defesa das fronteiras: a importância das Colônias Militares para o expansionismo imperial brasileiro	129
04.04. O Peperi vale mais que o Nicarágua” ou “as Cataratas do Iguaçu valem mais que as Quedas de Niágara”? Os interesses nas disputas territoriais da Questão de Misiones/Palmas.....	137
04.05. Aproximações políticas: a moeda de troca territorial.....	144
04.05. “Vitória dos mapas” – a moldura cartográfica para (não) entendimento das práticas de poder no litígio.....	152

CAPÍTULO 05. AJUSTES DE INTERESSES ENTRE TRILHOS, TERRAS E MATE: A QUESTÃO DE LIMITES ENTRE OS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ.....159

05.01. Origens e a construção dos limites territoriais entre os dois Estados.....	160
05.02. Limites demarcados pelos enredos políticos e econômicos: o desenlace e alguns possíveis interesses.....	179
05.03. Partilhar e cultivar: a criação dos novos municípios, instituição dos poderes locais e incorporação das ideologias geográficas.....	183

CAPÍTULO 06. ALINHAVAR, CONHECER E SIGNIFICAR: COLOCAR LINHAS, SIGNIFICADOS E PODER NOS CONFINS.....195

06.01. Alinhavar: a geometrização do espaço e o controle estatal.....	198
06.01.02. As definições dos limites: práticas, questões técnicas, leituras e discursos territoriais.....	202
06.02. Linhas, imagens e plantas cadastrais: a formação de um novo saber territorial.....	218
06.03. A criação de significações geográficas funcionais a formação territorial.....	227

CAPÍTULO 07. AS TERRAS DO “SERTÃO” À ESPERA DOS “OBREIROS DA NAÇÃO”: LEIS E AGENTES DA COMERCIALIZAÇÃO DE TERRAS NO OESTE CATARINENSE.....242

07.01. Terras para agricultura comercial: o fundamento da lei imperial de terras.....	243
07. 02. Constituição de 1891: autonomia para as oligarquias regionais.....	253
 CAPÍTULO 08. TECER: O VERBO A COSTURAR OS SERTÕES.....	278
08. 01. Por terras, por águas: Os caminhos do domínio territorial e “descaminhos” do isolamento econômico dos Campos de Palmas em finais do século XIX.....	279
08.02. Caminho de ferro, mais caminhos por terra: intensificação da integração do fundo territorial por meio do ajuste espacial.....	292
08.03. Tempos e espaços entre as “costuras”: algumas leituras possíveis.....	304
 CAPÍTULO 09 – CULTIVAR: A TERRA E O MITO FUNDANTE.....	312
09.01: Retratos do paraíso e “terras de fertilidade”: discursos a tecer o comércio e cultivar significações.....	313
09.02. Rupturas e expropriação: elementos constituintes da colonização no e do Oeste catarinense.....	329
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	347
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	352
FONTES.....	365

Introdução

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa de doutoramento que teve como estudo a formação territorial do Oeste catarinense, com o intuito de construir uma abordagem distinta daquela que permanece até contemporaneamente sobre esse processo. A concepção existente e majoritária aponta, direta ou indiretamente, a adoção do evento da colonização como “marco zero”, o que funciona como um arquétipo de interpretação que acaba por impor uma interdição histórica, designando os eventos que são considerados como pertencentes a essa interpretação. Por conseguinte, acaba por indicar o que não é considerado como elemento do Oeste catarinense, bem como propõe que alguns eventos pertencem a um passado sem vínculo com a implantação dos núcleos coloniais e daquilo que hoje conhecemos como a região Oeste de Santa Catarina. Essa visão, funciona como uma moldura interpretativa, que dentre as consequências mais notáveis, têm-se a existência de saltos explicativos (com intervalos de décadas), os quais são apresentados apenas justapostos, e a não investigação de práticas espaciais e suas articulações desenvolvidas durante a transição do século XIX para o XX.

O resultado desta pesquisa está exposto em nove capítulos. A apresentação da problemática, da hipótese e da tese está explícita no Capítulo 01, o qual possui uma exposição sobre reflexões acerca do emprego conceitual referente a pesquisas que abordam a presente temática. Trata de conceitos como os de sertão, colonização e fronteira, para, a partir desses pensamentos, apresentar de forma sucinta a tese construída. Uma apresentação das obras de caráter regional que são referência para estudo da área de pesquisa também integra esse capítulo.

No Capítulo 02, discorro sobre método, procedimentos metodológicos e diálogos afins, os quais julgo pertinentes para explicar sobre a construção desta pesquisa. É nesse mesmo capítulo que apresento uma proposta alternativa de interpretação, visto que além da crítica, convém indicar outras possibilidades de estudo e investigação. De certa forma, o Capítulo 01 e o Capítulo 02 estão muito relacionados, de modo que as suas ideias somente são compreendidas de maneira satisfatória com a leitura de ambos.

A partir do Capítulo 03, expõe-se a proposta de investigação elaborada. Especificamente esse terceiro capítulo, intitulado “Considerações sobre a formação territorial do Brasil e sobre os Campos de Palmas no final do Oitocentos” foi construído com o objetivo de fornecer um panorama da formação territorial brasileira, por meio da qual a integração do

fundo territorial adquiriu caráter processual. É a contar dessa estrutura que o projeto de modernização do território e da sociedade foi construído, sendo importante o entendimento deste para contextualizar as intervenções territoriais e sociais que posteriormente foram realizadas nos Campos de Palmas.

Os Capítulos 04 e 05 exploram as intervenções e os interesses que caracterizaram os dois litígios territoriais que integraram as áreas em estudo, sendo a querela das Misiones/Palmas e a formação dos limites entre Paraná/Santa Catarina. A resolução da soberania e da administração de um espaço corresponde a um evento primordial para o desenvolvimento de políticas que visam à formação territorial, visto que somente após essas resoluções é que as práticas de integração podem ser desenvolvidas com maiores efetividade e investimento.

O Capítulo 06, denominado “Alinhavar, conhecer e significar: colocar linhas, significados e poder nos confins”, tem como objetivo descrever sobre o que identifico como *segundo, terceiro e quarto verbos* da inserção de um fundo territorial. O primeiro refere-se ao processo de geometrização do espaço, com o intuito de torná-lo passível de uma leitura que atenda às demandas do Estado territorial, bem como a episteme do capital. Conjuntamente, o ato de *conhecer* as feições geográficas consubstancia esse processo de tornar conhecido o espaço para melhor exercício do poder e também do desenvolvimento do referido modelo econômico. O ato de *conhecer* não corresponde necessariamente a uma leitura fidedigna daquilo que é observado. Por fim, a construção de *significações* funcionais à formação territorial integra e finaliza esse capítulo.

O Capítulo 07, “As terras do “sertão” à espera dos “obreiros da nação”: Leis e agentes da comercialização de terras no Oeste catarinense”, versa sobre alguns agentes que orquestraram a colonização do Oeste catarinense, bem como sobre os aportes jurídicos e relacionais que ancoraram a produção de espaço sob os moldes capitalistas, destacando as alianças políticas que funcionaram como domínio de classes.

O Capítulo 08, intitulado “Tecer: o verbo a costurar os sertões”, contempla especificamente a construção dessas estradas de rodagens, estradas vicinais e ferrovias construídas, sobretudo, a partir da expansão territorial do capitalismo, cuja integração de fundo territorial é um processo elementar. Isso ocorreu mediante a ruptura das barreiras geográficas e a atribuição de fluidez do espaço, regularidade dos fluxos, dinamicidade dos povoados já existentes. Permite a produção do espaço a partir da articulação de padrões espaciais distintos.

Por fim, o Capítulo 09, “Cultivar: a terra e o mito fundante”, tem como objetivo discorrer sobre as leituras sociais tecidas em relação aos caboclos e colonos-migrantes, consistindo em uma expressão do conflito advindo das diferentes formas de organização social desencadeadas a partir da privatização da terra. Essas leituras tecidas e inseridas com fortes ingredientes de animosidade e desprezo para o grupo já residente podem ser compreendidas como estruturas que definem os papéis e as hierarquias dos grupos a partir de certa ideologia veiculada. Ao final do item, tento mostrar como essas representações também estruturam relações de poder, outorgando aos “desbravadores” (e agentes que adotam postura semelhante) a função de direcionar a sociedade, seja como modelo, seja por meio das instituições políticas locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, neste estudo, refletir sobre as limitações de abordagens investigativas que adotam a compreensão do Oeste catarinense a partir da colonização, situando esta última como o evento fundante de referida região. Essa postura acaba por reproduzir um processo de silenciamento que uma série de eventos e agentes foram condicionados. Também se teve como objetivo apresentar uma proposta alternativa de estudo com o intuito de superar esta interdição, mediante o emprego do conceito de fundo territorial ao espaço-tempo do Oeste catarinense entre 1880/1940.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo foi possível reiterar que a ideia de início do Oeste catarinense a partir da colonização implica em um ângulo de análise que não permite incorporar eventos importantes da formação territorial, os quais foram fundamentais para conformar a realidade que atualmente caracteriza esta região. Estes eventos, embora primordiais, sofreram um processo de silenciamento advindo da significação que o evento da *colonização* recebeu a partir do discurso oficial e da historiografia. Esta significação ao mesmo tempo que atribui um conteúdo semântico para a colonização como momento fundante, também implica na produção de silêncios para o conteúdo histórico, geográfico, social, antropológico, etc., que ocorreu antes deste movimento migratório. A existência deste silêncio não significa necessariamente que estes eventos são totalmente desconhecidos ou que sua existência seja negada. O que acaba por ser ocultado quando se propõe que estes eventos não integram a história do Oeste de Santa Catarina é as relações de poder, os conflitos, os interesses, as práticas de violências, que estão articulados nestes acontecimentos. Aqui vale retomar que o silêncio é produzido também no entremeio das palavras (ORLANDI, 1992), um silêncio que pode ser produzido segundo nossos métodos e fundamentações teóricas adotados para estudar algo.

Com o intuito de apresentar uma proposta alternativa, a qual deveria explorar as relações entre os eventos que o discurso oficial insiste em considerar como momentos desconexos e sem relação, foi proposto o emprego do conceito de fundo territorial para caracterizar o Oeste catarinense no período de 1880-1940. Essa sugestão requer a adoção de uma perspectiva histórica para subsidiar o entendimento dos processos geográficos, acatando a ideia de movimento como intrínseco as categorias de estudo. Deste modo, ao mesmo tempo que o estudo analisa processos mais genéricos relacionados com o espaço, também permite ajustar o ângulo de análise para a dimensão histórica que está relacionada com a formação do

território – um processo dotado de especificidade e que tem nas condições econômicas e políticas importantes elementos da sua formação. Conforme salienta Moraes (2002) são dois níveis de abordagem: um mais genérico, dialoga com os macroindicadores que delimitam as estruturas de funcionamento; e outro que corresponde à “malha fina do desenrolar das conjunturas” (MORAES, 2002, p.60) e atribui ênfase à atuação política.

Outro norteamento importante para desenvolver esta pesquisa foi a adoção da categoria de ideologias geográficas (MORAES, 1996) como elemento constituinte da formação territorial. Esse procedimento investigativo permite uma postura analítica que congregue tanto a produção dos arranjos espaciais nos processos de territorialização como também os discursos e representações que são veiculados com o intuito de inculcar, de moldar, de interferir na forma como os sujeitos sociais se relacionam com o espaço. As ideologias geográficas são o conteúdo das representações coletivas que impulsionavam a transformação ou acomodamento do/no espaço. Como é uma categoria que possibilita analisar a partir dos desígnios que moldam planos e projetos para um determinado espaço, tem como mérito a incorporação dos valores e interesses que norteiam as ações. Estes projetos, mesmo quando são fracassados ou mesmo quando ficam restritos ao papel, devem ser compreendidos como eivados de valores e leituras espaciais que revelam as intenções que determinados grupos constroem para certas porções do espaço. Deste modo, estes planos são importantes materiais para elucidar os processos territoriais.

A disseminação de discursos coextensivos a ideologia dominante tinha como objetivo de inculcar comportamentos, orientar práticas e leituras sociogeográficas em sujeitos (os agentes sintagmáticos, na leitura de Raffestin [1993]), afim de atribuir concretude aos projetos elaborados pela classe dominante. Destes desígnios, alguns podem ser retomados: conquistar a soberania sobre os Campos de Palmas frente ao litígio com a Argentina, impulsionar e direcionar o fluxo migratório para povoamento do Oeste catarinense, colocar em silêncio as populações caboclas e indígenas mediante a identificação dessa área como *sertão* (que remete a área desocupada), inculcar um modelo ideal de relação com a natureza (quando reforça a associação de progresso e civilização com o desenvolvimento de atividades econômicas de grandes intervenções na natureza e norteadas para atender o comércio), etc. Observou-se que o ajuste dos discursos e representações conforme avançava a integração do fundo territorial é uma importante evidência que os eventos que ocorreram antes da colonização e aqueles que ocorreram após integram um mesmo processo.

De importante contribuição para demonstrar a relação entre os eventos no intervalo do tempo de 1880 a 1940, é o conceito de práticas espaciais. Seguindo a proposta de Moraes

(2002), a qual sugere a adoção de uma abordagem histórica, as práticas foram identificadas por *verbos*, visando destacar que as mesmas devem ser compreendidas como formadoras deste movimento de transição de um fundo territorial para a região Oeste. Embora foram apresentadas separadamente uma das outras, ao longo da pesquisa ficava clara a relação estabelecida entre elas. As práticas espaciais escolhidas são exatamente aquelas fundamentais para que este fundo territorial fosse integrado.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que estas práticas possuem aproximação nos eventos e muitas vezes, um mesmo fato apresenta mais que uma prática para ser efetivado. Essas aproximações entre são constantes e recorrentes ao longo do todo o processo de integração, cuja aproximação pode ser melhor analisada de acordo com o enfoque que o pesquisador escolher. Torna-se importante ressaltar que as práticas espaciais indicadas compõem conjuntamente o processo de integração deste fundo territorial e não apenas uma ou outra. Como exemplo dessa articulação tem-se o caso da construção da ferrovia São Paulo - Rio Grande, a qual intensificou as conexões necessárias para elevar a territorialização do poder e expansão territorial do capitalismo. Todavia, a construção desta rede geográfica só foi possível mediante a produção de saber relacionados ao espaço, que identificamos como *alinhar* e *conhecer* (conforme consta no Capítulo 06).

Uma consideração que deve ser destacada é que este processo de integração não ocorreu somente a partir de influências internas do território e de agentes brasileiros, mas também com a presença e atuação de agentes internacionais, sobretudo o capital financeiro internacional. Essa condição fica evidente mediante a atuação da *Brazil Railway Company* na construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, concretizando o que Harvey (2006) define como ajuste espacial do capitalismo.

Portanto, pode-se afirmar que é fundamental entender este processo a partir da articulação de diferentes escalas geográficas (SMITH, 2002), articuladas a partir da diferenciação espacial (SMITH, 1988) intrínseca ao espraiamento da economia mercantil. Essa diferenciação espacial a qual nos referimos é a funcionalização por qual o fundo territorial passou mediante a atuação de diferentes agentes (colonos-militares, sitiantes, caboclos, colono-migrante) até o assentamento da economia camponesa subordinada ao capital com a criação dos núcleos coloniais.

A adoção do conceito de práticas espaciais também permitiu considerar as relações espaciais a partir das diferentes naturezas do espaço (HARVEY, 2010). A imagem do Oeste catarinense com significativo fracionamento do espaço representado através das plantas cadastrais era algo que chamava a atenção, sobretudo indagando como que de um espaço

quase ignoto pelas autoridades do Estado (inclusive chamado esta região de sertão) passou desta condição de pouco conhecimento e pouco controle para a um notório retalhamento espacial? A curiosidade acerca dos procedimentos e caminhos tomados para realizar o mapeamento e levantamento topográfico instigou de forma significativa o andar desta pesquisa. A transição de um espaço com posses indicadas somente por nomes para um espaço com lotes retilíneos, delimitados e regularizados evidenciam a transição de relações espaciais de natureza distinta. Grande parte das posses que existiam quando este espaço era identificado como Campos de Palmas e/ou sertão, eram dotadas de uma natureza relacional (nos mapas apareciam apenas com a localização ou o nome da fazenda escrito próximo a esta localização), que posteriormente foi substituída por uma natureza absoluta – esta última fundamental para o controle do espaço (que aparece nos documentos cartográficos através das delimitações bem definidas) ³⁹⁶. No estudo dessa prática de alinhar e conhecer é incontestável a importância que os engenheiros militares alocados na Colônia Militar do Chapecó desempenharam. E esta atuação dos militares é praticamente desconhecida quando se busca as bases histórico-geográficas para discorrer sobre a formação do Oeste de Santa Catarina. Sem sombras de dúvidas, é um campo temático, conjuntamente com todo o processo de racionalização das relações espaciais correspondem a temáticas que precisam ser melhores estudados e incorporados aos saberes sobre esta região.

Aliás, a carência de estudos que abordam algumas temáticas aqui vistas é um fato a ser destacado. Acerca disto é possível fazer dois apontamentos. O primeiro é sobre a dificuldade que isso implicou para o desenvolvimento desta pesquisa. Embora a quantidade de temáticas é grande, a quantidade de estudos existentes é exatamente o oposto, o que tornou esta pesquisa trabalhosa e, implicou também na forma como abordamos os assuntos aqui. A descrição excessiva presente nos capítulos teve como objetivo organizar um conjunto de informações a partir das quais desenvolvemos a reflexão acerca das práticas espaciais e sua implicação no processo de formação territorial. O segundo apontamento, relacionado com o anterior, é exatamente sobre o amplo campo de pesquisas que está aberto. Esta afirmação é válida se pensarmos em estudos com o objetivo de aprofundar a temática que compõe esta tese, seja para explorar outros enfoques, estudar agentes e eventos de forma mais aprofundada.

³⁹⁶ Na dúvida acerca da comparação aqui proposta, poderá o leitor comparar a imagem que contém parte da Carta Corográfica do Paraná (1882), atentando que nesta só a localização da Colônia Militar, mas não está designada a delimitação da área que pertence a Colônia Militar e posteriormente analisar a figura que contém a “Localização das Fazendas, Colônias e concessões territoriais no período de 1910-1920”, atentando para a delimitação das posses. A existência destes limites territoriais expressa uma grande mudança na natureza da relação com o espaço.

Por fim, pode-se constatar que existem relações fundamentais entre os eventos (como os dois litígios, a atuação dos engenheiros militares, povoamento caboclo) que estavam privados da condição de pertencer a formação do Oeste catarinense. A identificação destas relações torna evidente o processo de silenciamento que os mesmos sofreram mediante a significação da *colonização* como momento fundante desta região. As relações entre estes eventos podem ser apreendidas conforme o ajuste teórico e metodológico que é adotado para conduzir os processos investigativos. É por esta razão que a identificação deste espaço-tempo (1880-1940) como *fundo territorial em processo de integração*, é uma proposta interessante, pois trabalha com a ideia de transição de uma condição espacial a outra. Tem ainda o mérito de incorporar nessa transição, as relações de poder e os conflitos que constituíram essa formação territorial.

Por fim, ainda é necessário apontar duas considerações. A primeira é ressaltar que o estudo realizado não teve a pretensão de esgotar as discussões, pesquisas e reflexões que podem ser construídos a partir da problemática proposta aqui. A segunda consideração é que pela decisão de arriscar uma perspectiva distinta daquelas que existem, nos deparamos com muitas dificuldades, de modo que, o resultado que apresentamos neste momento, está também composto por falhas e mesmo fraqueza de algumas passagens. A necessidade de iniciar um caminho não percorrido antes, conduziu um cansativo (porém necessário) trabalho de *campear* pequenas (mas importantes) informações, vasculhar incessantemente arquivos, para posteriormente, novamente buscar a resolução de perguntas sem cair em perspectivas que poderiam reforçar a “moldura” teve como produto um trabalho com fraquezas. Porém, este mesmo trabalho, propõe um convite para a percorrermos caminhos não trilhados para olharmos para o mundo para além das “molduras” e ouvir, ler e indagar o conteúdo dos documentos, mapas, sujeitos, etc., para assim, dar voz aos silêncios produzidos pelos dizeres do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade potuária, século XVIII. GEOUSP, Espaço e Tempo, pg. 13-25, 2000.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? Revista Ilha de Santa Catarina; 2º sem/2005.

AGNEW, John; CORBRIDGE, Stuart. Mastering space: hegemony territory and international political economic. London, New York, Routledge, 1995.

ALCARÁZ, Alberto Daniel. La gestacion de una elite local durante la explotacion yerbatera-maderera en el Alto Paraná (1870-1920) - Domingos Barthe um representante paradigmático. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Antropologia Social. Universidad Nacional de Misiones, Posadas, 2013.

ALDER, Ken. A medida de todas as coisas. A odisseia de sete anos e o erro encoberto que transformaram o mundo. Tradução Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

ALLIÈS, Paul. L'invention du territoire. Presses universitaires de Grenoble. 1980.

AMADO, Janaina. Região, sertão e nação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.08, n 15. p.145-151;1999.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. Reflexão sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. De Buenos Aires à Misiones: civilização e barbárie nos relatos de viagens realizadas à terra do mate (1882-1898). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação de Integração da América Latina. USP.2014.

ARANHA, Bruno Pereira de Lima. Misiones ante o avanço brasileiro: a fronteira Brasil-Argentina na visão de Juan Bautista Ambrosetti (1891-1894). Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, Santa Catarina, 2015.

ARAS, Lina; CHAVES, Cleide Lima. Salvador, Montevideu e Buenos Aires (1808-1889). s/d.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Ed.Perspectiva S.A. São Paulo – SP, 1988

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim. Origens e fundamentos do século XXI. Boitempo, Rio de Janeiro, 2008.

AVÉ-LALEMENT, Robert. Viagens pela Província de Santa Catharina, Paraná e São Paulo (1858). São Paulo; Ed. USP, 1980.

AURAS, Marli. Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis, Ed. UFSC, 2001.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et all. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAGNO, Silvana; EWALD, Ariane Patrícia. Lembranças do país da cocanha entre os descendentes de imigrantes de italianos no início do século XX: o Brasil imaginado. Estudos e pesquisa em Psicologia, UERJ, ano, 9, nº 01, 2009.

BARROS, Manoel. Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. Ed. Planeta. São Paulo, 2008.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. Ciclos Econômicos Regionais. Modernização e empobrecimento do Oeste catarinense. Argos, Chapecó, 2005.

BLACK, Jeremy. Mapa e história: construindo imagens do passado. Editora da USC. Bauru, SP, 2005.

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no rio Uruguai (1930-1950). In: Cadernos do CEOM – Ano 19, n.23. CEOM: 20 anos de memórias e histórias no Oeste de Santa Catarina.

BELLANI, Eli Maria. Madeira, Balsas e balseiros no rio Uruguai: o processo de colonização do Velho município de Chapecó (1917/1950). Dissertação em História, Florianópolis, 1991.

BRANDT, Marlon. Uma história ambiental dos Campos do Planalto de Santa Catarina. 2012, 332 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BOITEUX, José Arthur. Oeste Catharinense – de Florianópolis a Dionísio Cerqueira. (1929) In: CEOM. A viagem de 1929. Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras. Ed. Argos. Chapecó. 2005.

BOITEUX, José. Santa Catharina-Paraná. Questão de Limites. Rio de Janeiro. Typographia d’A Tribuna. Rio de Janeiro, 1890.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Leitura Sociológica de Franz Kafka – Curso de 08/12/1990. In: Sobre o Estado. Pierre Bourdieu. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. Companhia das Letras. 2014.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 10^a ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2011.

BRÜGGMANN, Adelson André. A sentinela isolada. O cotidiano da colônia militar de Santa Thereza (184-1883). Dissertação – UFSC, Florianópolis, 2013.

BUENO, Beatriz Picoloto Siqueira. Desenho e desígnio. O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). EdUSP, São Paulo, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo, 2000.

GARAVAGLIA, Juan Carlos; GAUTREAU, Pierre (Org). Mensurar la tierra, controlar el territorio. America Latina, siglos XVIII-XIX. PosHistoria Ediciones. Rosário. 2011.

CARVALHO, José Murilo. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

CARVALHO, Elisabeth Santos. O Barão Do Rio Branco e a política de aproximação com os Estados Unidos. In: (<https://bndigital.bn.br/artigos/>)

CAPEL, Horácio. Geografia Contemporânea – Ciência e Filosofia. Tradução: Jorge Ulisses Guerra Villalobos, Ed.UEM, Maringá, 2010.

CAPEL, Horácio. O nascimento da ciência moderna e a América: o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território. Trad. Jorge Ulises Guerra Villalobos. Maringá: Eduem, 1999.

CAPILÉ, Bruno; VERGARA, Moema. Circunstâncias da cartografia no Brasil oitocentista e a necessidade de uma Carta Geral do Império. *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.37-49; jan/jun. 2012.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: O discurso competente e outras falas. 10 ed. São Paulo: Cortez. 2003.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000.

CEOM. A viagem de 1929. Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras. Ed. Argos. Chapecó. 2005.

COMASSETTO, Carlos Fernando. A posse e a comercialização de terras na Colônia Rio Uruguai entre 1920 e 1950. In: Anais da ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História.

CORRÊA, Roberto Lobato. Dimensões de análise das redes geográficas. In: Trajetórias Geográficas. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a. p. 108-118.

CORREA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

CORRÊA, Carlos Humberto. Restauração Republicana e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Diário de Cultura*. Diário Catarinense. 05/nov/1994, p. 2. apud SERPA, 1996, p.65.

COSTA, Arthur Ferreira da. O Oeste catharinense – visões e sugestões de um excursionista (1929). In: CEOM. A viagem de 1929. Oeste de Santa Catarina, documentos e leituras. Ed. Argos. Chapecó. 2005.

COSTA, Licurgo. Um cambalacho político. Editora Lunardelli, Florianópolis, 1987.

CUNHA, Euclides. Os sertões. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1988.

DELSON, Roberta Marx. Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no Século XVIII. Brasília, CIORD, Alva. 1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo; Alameda, 2005.

DIEL, Paulo Fernando. A relação da reforma católica com o catolicismo popular caboclo no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná (1903-1958). Cadernos do CEOM, ano 14, nº13, Unoesc – Chapecó, jun/2001.

ESCOLAR, Marcelo. Crítica do Discurso Geográfico. Ed. Hucitec. SP.1996.

ERTHAL, Rui. Geografia Históricas – Considerações. In: GEOgraphia, ano 5, vol.09, p.29/39, 2003.

ESPIG, Márcia Janete; MATIAS, José Eduardo Lovatel. O jornal “A Federação” e o Movimento do Contestado: possibilidades de uso pelo pesquisador. In: ESPIG, Márcia Janete. (Org). Notícias de uma guerra centenária: o Movimento do Contestado através do jornal “A Federação” (1912-1916). São Leopoldo. Ed.Oikos, 2013.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro. Vol. 02. Ed. Globo, Porto Alegre, 1995.

FARAGE, Nádia. As muralhas do sertão – os povos indígenas no rio Branco e a colonização. Dissertação de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1986. 563f.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de Interpretação Sociológica. Terceira edição. Zahar Editores, 1981.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre Ferreira; SIMONINI, Yuri. El (de)sertão de Brasil: una cartografía en formación, siglos XIX y XX. In: BONASTRA, Quim; JORI, Gerard (eds.). Imaginar, organizar y controlar el territorio. Icaria. Barcelona, 2013.

FIGUEIROA, Silvia Fernanda de Mendonça. As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional (1875-1934). Ed. Hucitec. São Paulo. 1997.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Cocanha: as várias faces de uma utopia. Ed. Ateliê, São Paulo, 1998.

FREITAG, Liliane. Extremo-Oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação. Tese de Doutorado. Faculdade de História, Direito e Serviço Social. 2007.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo, Editora Nacional, 15ª edição. 1977.

FURTADO, Júnia Ferreira. Guerra, diplomacia e mapas: a Guerra da Sucessão Espanhola, o Tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de D’Anville
In: Topoi, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 66-83.

GALLO, Fabricio. Uso do Território e federalismo como evento: a difusão regional de infraestruturas analisadas a partir das transferências intergovernamentais voluntárias entre União e Municípios. Tese de Doutorado. Instituto de GeoCiências. UniCamp, Campinas, 2011.

GREGÓRIO, Vitor Marcos. Dividindo as províncias do Império: A emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado Nacional brasileiro (1826-1854). Tese em História Econômica, USP, São Paulo, 2012.

GOLIN, Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. In: Anais do Primeiro Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. 2011.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Relatos, esboços e cadernetas de campo. Revista *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017.

GONÇALVES, Janice. Escavar o chão da história: Lucas Alexandre Boiteux, IHGSC e a Pequena Pátria Catarinense. In: Revista Expedições, vol.08, n.02, Morrinhos/GO, 2017.

GOTTMAN, Jean. A evolução do conceito de território. Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Boletim Campineiro de Geografia. V.02, nº03, 2012.

GOULARTTI FILHO, Alcides. A estrada Dona Francisca na formação econômica de Santa Catarina. In: História Revista. Vol.19, nº 01, 2014.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004

HARLEY, J. Brian. La nueva naturaliza de los mapas. Ensayos sobre la historia de la cartografia. Compilación de Paul Laxton. Fondo de Cultura Económica. México, 2005.

HARLEY, J. Brian. Mapas, saber e poder. *Confins* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 24 de Abril 2009, consultado o 12 Outubro 2014. URL : <http://confins.revues.org/5724> ; DOI: 10.4000/confins.5724

HARVEY, David. O espaço como palavra chave. In: Castree, N. e Gregory, D. (org.) *David Harvey: a critical reader*. Malden e Oxford: Blackwell. Tradução livre: Letícia Gianella. Revisão técnica: Rogério Haesbaert e Juliana Nunes. 2010.

HARVEY, David. O enigma do Capital e as crises do capitalismo. Tradução João Alexandre Peschanski. São Paulo, Editora Boitempo, 2011.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. AnnaBlume. São Paulo, 2005.

HASS, Mônica. Os partidos políticos e a elite chapecoense. Um estudo de poder local 1945-1965. Argos, Chapecó, 2001.

HERMES, João Severino da Fonseca. O litígio entre Brasil e a República Argentina – a questão do território de Palmas. Revista da Sociedade Brasileira de Geografia. Edição especial em homenagem a memória do Barão do Rio Branco. Tomo LII, 1945.

HOBBSAWN, Eric. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Tradução: Maria Celia Paoli, Ana Maria Quirino. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, T. A invenção das tradições. Tradução: Celina Cardim Calvalcante. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997.

HOBBSAWN, Eric. A era do capital. 1848-1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

IANNI, Octávio. A Sociologia de Florestan Fernandes. In: Estudos Avançados, 10 (26), 1996.

JANCSÓ, István. Brasil: a formação do Estado e da Nação. Hucitec, São Paulo; Ed. Unijui. Ijuí/RS, 2003.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Ed. Ícone. São Paulo, 2007.

KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2. p. 39-61 jul.- dez. 2009.

KANTOR, Iris. Mapas em trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822), pp. 110-123 in Araucária. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades; Ano 12, nº 24. Segundo semestre de 2010.

LABALE, Alejandro Gonzáles. Linhas e encruzilhadas, espaço social em um ponto da fronteira Brasil-Argentina. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1996.

LACOSTE, Yves. A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução: Maria Cecília França – Campinas, 1988.

LATOUCHE, Serge. A ocidentalização do mundo. Ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

LEFEBVRE, Henry. Espaço e política. O direito a cidade II. Ed. Humanitas, Belo Horizonte, 2016.

LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha (a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50). Revista Brasileira de História. São Paulo, v.06, nº 12, pp.47-64, 1986.

LÊNIN, Vladimir. Imperialismo. Estágio superior do capitalismo. Expressão popular. São Paulo, 2012.

LIMA, Viviane de Oliveira. Revolta dos Quebras-Quilos. Levante contra a imposição do Sistema Métrico Decimal. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH – RJ, s/d, p.1/12.

LOIS, Carla Mariana. La invención del desierto chaqueño. Una aproximación a las formas de apropiación simbólica de los territorios del Chaco em los tempos de formación y consolidación del Estado Nación Argentino. In. Scripta Nova, Barcelona, vº 38. 1999.

LOIS, Carla Mariana. O mapa, os mapas. Revista Espaço e Cultura. UERJ; Jul/Dez, 2014.

LOIS, Carla Mariana. Los mapas y las cosas. In: Geografías imaginarias: Espacios de resistência y crisis em América Latina. Sierra, Marta (ed). Editorial Cuarto Propio, Santiago de Chile.

LOIS, Carla Mariana; VARGAS, Hector Mendoza. Viejos temas, nuevas preguntas. In: LOIS, Carla Mariana; VARGAS, Hector Mendoza. Historias de la Cartografia Iberoamericana. Nuevos caminos, viejos problemas. México, UNAM, p.9-20, 2009.

LOTIERZO, Tatiana. Contornos do (in)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 2013.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. Plural. Rev. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v.17, n.2, p.129-142, 2011.

LUXEMBURG, Rosa. A acumulação do capital. Vol II. Nova Cultural, São Paulo, 1988.

KROETZ, Lando Rogério. As estradas de ferro do Paraná (1880-1940). Tese de Doutorado. USP, 1985, 201fls.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. 7ª Ed. Bertrand Brasil. 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Ed.Unicamp, Campinas, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. A política de terras em Santa Catarina, posse, propriedade e legitimação no Planalto Serrano e Meio-Oeste no final do Império e Início da República (1854-1912). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

MAFRA, Antônio Dias. Aconteceu nos ervais: a disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina pela exploração da erva-mate – Região Sul do Vale do rio Negro. Dissertação. UnC, Canoinhas – SC, 2008.

MAGALHÃES, Gildo. Energia, industrialização e a ideologia do progresso. Revista Projeto História, São Paulo, nº 34, pg.27-47, jun.2007.

MAGNOLLI, Demétrio. O corpo da pátria. Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo, Ed. Moderna, 1997.

MARQUETTI, Delcio. Bandidos, forasteiros e intrusos – história do crime no Oeste catarinense na primeira metade do século XX. Argos, Chapecó, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Crítica da Filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbarch, B. Bauer e Stirner, e do Socialismo

Alemão na dos seus diferentes profetas. Volume 01. 4ª Ed. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Livraria Martins Fontes. 2007

MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1999.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo saquarema. A formação do Estado Imperial. Access – Editora, Rio de Janeiro, 1994.

MARIA RÉ, Flávia. A distância entre as Américas: uma leitura do Pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas no Brasil (1889-1912). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. USP, 2010.

MARTINS, José de Souza. A chegada do estranho. Hucitec, São Paulo, 1993.

MARTINS, José de Souza. O cativo da Terra. 6ª edição. Hucitec, São Paulo, 1996.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. Editora Contexto, 2012.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. Ed. Unesp; Edições Facamp. 2ª edição. Campinas, São Paulo, 2009.

MELO, Nildo Aparecido. Do complexo rural à modernização agrícola brasileira: a modernização da agricultura paranaense e os impactos na vida rural – uma análise do programa vilas rurais no Norte do Paraná. Revista GeoAtoS. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 11, v.1, janeiro a junho de 2011, p. 58-76.

MEIRINHO, Jali. A República em Santa Catarina (1889-1900). Dissertação de Mestrado (UFSC). Florianópolis, 1979.

MILIA, Juan Guillermo. Geopolítica del limite y frontera de la argentina. Editorial Duken, Buenos Aires, 2015

MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque. O deserto dos Mestiços: o sertão e seus habitantes nos relatos de viagens do início do século XIX. Revista História, São Paulo, 28 (2), 2009, p.621-643.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Ideologias geográficas. São Paulo. Hucitec.1996.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Território e história no Brasil. São Paulo, Hucitec; AnnaBlume. 2002.

MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias. Geografia Crítica: a valorização do espaço. São Paulo. Hucitec, 1984.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia Histórica do Brasil. Capitalismo, território e periferia. São Paulo. Anna Blume, 2011.

MORAES, Antônio Carlos Robert. “O sertão: um ‘outro’ geográfico”. Revista Terra Brasilis. Rio de Janeiro, 2003, p.II – 23.

MORAES, Eduardo José. A via de comunicação com Mato Grosso. Memória apresentada ao Governo Imperial pelo Engenheiro Eduardo José de Moraes, Rio de Janeiro, Tipografia Comercial, 1873.

MOREIRA, Precila Katia. Do processo criminal às páginas jornalísticas: aspectos de religiosidade popular em Palmas (PR) em 1907. In: Cadernos do Ceom. Edição História e Imprensa. História e Imprensa – v. 30, n. 47 (Dez/2017).

NADAL, Francesc.; URTEAGA, Luis. Cartografía y Estado. Los mapas topográficos nacionales y la estadística en el siglo XIX. In: Revista Geocrítica, 88, 1990.

NADALIN, Sergio Odilon. A demografia numa perspectiva histórica. Belo Horizonte, 1994.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização no Exército brasileiro (1850-1881). Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em História. PUC-RS, Porto Alegre, 2015.

NASCIMENTO, Washington Santos. “São Domingos, o grande São Domingos”: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791-1840). In: Dimensões, vol. 21, 2008.

NEVES, MELLO, Exposição Financeira e Técnica sobre Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, Rio de Janeiro, 1895.

NOBRE, Paulo José Lisboa. Eletricidade, engenharia e defesa ambiental: mudança de rumo no desenvolvimento brasileiro (1900-1934). Anais do Simpósio Internacional de Globalización, innovación y construcción de redes técnicas urbanas in America y Europa. Universidad de Barcelona, 23-26 enero de 2012.

NODARI, Eunice. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. Revista Esboços. Dossiê Migrações. [s/d]

NOGUEIRA, Carlo Eugênio. O lugar da fronteira na Geografia de Pierre Monbeig. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, 2013.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, Vol. V (suplemento), pp. 195-215, Julho 1998.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. Os 120 anos da guerra civil de 1893. In: Revista Historiae, Rio Grande, v.04, nº 02, pg.137-147, 2013.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. Ed. Brasiliense, São Paulo, 2001.

ORLANDI, Enni Puccinelli. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Ed. Unicamp, Campinas, 1992.

PEREIRA, Sergio Nunes. Obsessões geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v.3, p.112-124, dez/2005.

PEREIRA, Sergio Nunes; BERNADINO, Maria Gabriela. Comissão da Carta Geral do Brasil – trajetória, contradições e memória {1903-1932}. In: *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*, v.29, nº 01, jan-jun, 2016.

PEIXOTO, Renato Amado. A Carta Niemeyer de 1846 e as condições de leitura dos produtos cartográficos. *Anos 90*, Porto Alegre, v.11, p.299-318, jan/dez 2004.

PICOLLI, Bruno Antônio. Sono tutti buona gente: a invenção da superioridade italiana. In: *Revista Semiva*. Vol 10. 2º Sem/2011.

PESAVENTO, Sandra. Imagens da nação, do progresso e da tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. V.2, p.151 – 167 jan/dez 1994.

PESSOA, Reynaldo Carneiro. A ideia republicana no Brasil através de documentos. São Paulo: Alfa-ômega, 1973, p.60.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. Um “desejo de cidade”. Um “desejo de modernidade” (Chapecó – 1931-1945). Dissertação em História. UFSC, 2008.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. Imigração. In: *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. Tomo III, 2º Volume. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

PRADO Jr., Caio. A questão agrária no Brasil. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. *Cadernos do Ceom*. Ano 19, número 23. Argos, Chapecó, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Ed. Ática, São Paulo. 1993.

RADIN, José Carlos. Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão. Tese em História. UFSC, 2006.

RADIN, José Carlos. A propaganda das companhias de colonização para a venda dos lotes rurais no Meio Oeste catarinense. *Revista Esboços/UFSC*, nº 11.

RADIN, José Carlos; VICENZI, Renilda. A colonização em perspectiva do centenário de Chapecó. In: CARBONERA, Miriam; ONGHERO, André Luiz; RENK, Arlene; SALINI, Ademir Miguel (Orgs.). *Chapecó 100 anos: Histórias plurais*. Ed. Argos, 2017.

RAMOS, Gracinda Clara Pereira. A formação do território de Santa Catarina com base na concessão das terras públicas. Tese (doutorado) UFSC, Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, 2006.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. Bandeirantismo e identidade nacional, *Terra Brasilis* [Online], 6 | 2004; <http://terrabrasilis.revues.org/375>; DOI: 10.4000/terrabrasilis.

REICHERT, Patrício. Diferenças culturais entre caboclos e teuto-brasileiros de Porto-Novo: a segregação social do caboclo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, 2008.

RENK, Arlene. A luta da erva. Um ofício étnico da nação brasileira no Oeste catarinense. 2ª ed. Revisada. Argos, Chapecó, 2006.

SAES, Décio Azevedo Marques. Capitalismo e processo político no Brasil: a via brasileira para o desenvolvimento do capitalismo. In: Boletim Campineiro de Geografia, v.06, n01, 2016.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. Companhia das Letras, São Paulo. 2011.

SAHR, Wolf-Dietrich; SAHR, Cecília Luiza Löwen. A problemática “espaço/território” a partir de geograficidades existenciais. As comunidades existenciais. (s/d)

SAHR, Cecília Luiza Löwen. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008

SANCHES, Almir Teubl. A questão de terras no início da República: o Registro de Torrens e sua (in) aplicação. Dissertação de Mestrado em Direito. Programa de Pós-Graduação em Direito, USP, 2008.

SANTOS, Tavares dos. Os colonos do vinho. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo, Hucitec, 1984.

SANTOS, Estilague Ferreira dos. A revolução haitiana e suas repercussões. In: *Dimensões – revista de História da UFES*; nº7, 1998.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. In: *GEOSUP – espaço e tempo*, São Paulo, nº 32, p.89-109.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. Cientistas, Instituições e Questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERPA, Elio Cantalício. Igreja e poder em Santa Catarina. EdUFSC, Florianópolis, 1997.

SERPA, Elio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. In: *Revista de Ciências Humanas*, vol14, número 20, Florianópolis, 1996.

SILVA, Augusto; ROSA, Adenilson da. Antes do Oeste Catarinense: aspectos da vida econômica e social de uma região. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História* [on-line], Florianópolis, n.18, p.139-160, 2010. (Edição em 2011)

SILVA, Ligia Maria Osório da. Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850. Campinas, Ed. UniCamp, 1996.

SILVA, Cristiani Bereta. Nação, região e unidade nacional. Uma leitura baseada em dois livros didáticos de História publicados na Primeira República. In: *Revista Brasileira de Educação*, vol19, nº57, Florianópolis, 2014.

SILVA, José Graziano da. A nova dinâmica da agricultura brasileira. Campinas, Unicamp, 1996

SILVA, Cristiani Bereta da; ZAMBONI, Ernesta. Cultura política e políticas para o ensino de história em Santa Catarina no início do século XX. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, nº 65, p. 135-159, 2013

SILVA, Cristiani Bereta da; PERIN, Iara Steiner. Intelectuais catarinenses e a “missão civilizatória” da Primeira República. In: *Anais do XIV Encontro Estadual de História - Tempo, memórias e expectativas*, 19 a 22 de agosto de 2012. UDESC, Florianópolis, SC

SOUZA, Fabio Feltrin. Uma argentina imaginada: a imagem do rapto e discurso nacional do século XIX. *Revista de História e Estudos Culturais*, vol11, ano XI, nº 02. Jul/Dez 2014.

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual e combinado. Natureza, capital e a produção do espaço. Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

SMITH, Neil. Geografia, diferencia y las políticas de escala. In: *Terra Livre*. Ano 18, nº19, jul/dez 2002, p.127-146

SOUVI, Susana. La federalización de Misiones. In: *Dossier. Reflexiones en torno a los estudios sobre Territorios Nacionales*. Buenos Aires, Argentina, 2010.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. Planos para o Império. Os planos de viação do Segundo Reinado (1869-1889). Alameda. São Paulo. 2012.

SOUZA, Candice Vidal. Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado. In: *Sociedade e Cultura*, 1 (1), p.55-61, jan/jul, 1998.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I.E; GOMES, P.C.C; CORRÊA, R.L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro. 7ª Ed. Bertrand Brasil. 2005.

SOUZA, A.M. Dos ervais ao mate: possibilidades de revalorização dos tradicionais processos de produção e de transformação de erva-mate no Norte catarinense. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. 124f.

SUSSEKIND, Flora. Introdução a América Latina: males de origem. In: Santiago Silviano (Org.). *Interpretes do Brasil*. Vol. 01. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2000

SZESZ, Christiane Marques. A INVENÇÃO DO PARANÁ: O discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920). Dissertação. Curso de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997

TORRAL, André. Imagens em desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). Humanitás/FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

TURNER, Frederick Jackson. El significado de la frontera en la historia americana. Original *The Frontier in American History*, Nueva York, Henry Holt and Company, 1321, p. 038," Tradução de Ana Rosa Suarez. In: *Secuencia* (1987), 7, enero-abril, 187-207. ISSN: 0186-0348, ISSN electrónico: 2395-8464. DOI: <http://dx.doi.org/10.18234/secuencia.v0i07.170>

URICOECHEA, Fernando. O minotauro imperial – a burocratização do Estado Patrimonial brasileiro no século XIX. Ed. Difel – RJ/SP. 1987.

VALENTINI, Delmir José. Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil. A instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906-1916). Tese em História. PUC – RS. 2009.

VASCONCELLOS, Mario de Barros e. O Barão do Rio Branco: uma biografia. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1954.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e vento. O continente. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

VICENZI, Renilda. Mito e história na colonização do Oeste catarinense. Argos, Chapecó, 2008.

VIDAL E SOUZA, Candice. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Ed. Da UFG, Goiania, 1997.

VOLTOLINI, Anderson Francisco Floriani. A questão de limites de terras entre Santa Catarina e Paraná: uma análise das mensagens de governadores de 1900 a 1916. *Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil* ISSN 1984- 3968, v.1, n.2, p.31/38.2009

WERLANG, Alceu Antônio. A colonização às margens do rio Uruguai no Extremo Oeste catarinense. A atuação da Cia Territorial Sul Brasil – 1925/1954. Dissertação em História. UFSC, 1992.

WERLANG, Alceu Antônio. A colonização do Oeste catarinense. Argos, Chapecó, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel – O capitalismo histórico. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.

ZAMORA, Margarita. Para uma cartografia das descobertas: mapas/viagens/texto. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 38, dez.1993.

ZUSMAN, Perla; MINVIELLE, Sandra. Sociedades Geográficas y delimitación del territorio em la construcción del Estado-Nación argentino. s/d. Disponível em: www.educ.ar

ZUSMAN, Perla Brígida. *Tierras para El Rey*. Tese de Doutorado, Barcelona, Universidade Autònoma, 2000.

XAVIER, Mario. *O Coronel Freitas e a Colônia Militar do Chapecó*. Florianópolis, Insular, 2016.

FONTES

ARGENTINA/BRASIL. Relatório dos trabalhos demarcatórios. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Rio de Janeiro, RJ

ARGENTINA/BRASIL. Livro de Atas da Segunda Partida. Comissão de Limites entre o Império do Brasil e a República Argentina. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Rio de Janeiro, RJ

ARGENTINA/BRASIL. Livro 05 (431.07) da Questão de Limites entre Brasil e Argentina. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores.

ARGENTINA/BRASIL. Livro 05 (431.03) da Questão de Limites entre Brasil e Argentina. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores.

ARGENTINA/BRASIL. Livro 05 (Livro 452.5). Cadernetas de Campo. Questão de Limites entre Brasil e Argentina. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores.

ARGENTINA/BRASIL. Diário (Livro 432. 02). Questão de Limites entre Brasil e Argentina. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores.

MOUSSY, Martin de. Carta da Província de Corrientes do Territorio de Misiones. In: ARGENTINA. Descrição Geográfica e Estatística da Confederação Argentina.

AVÉ-LALLEMENT, Robert. Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858). Tradução: Teodoro Cabral – Belo Horizonte. Ed. Itatiaia, São Paulo; Ed.USP, 1980.

BRASIL, Constituição Federal de 1891, art. 64.

BRASIL, Decreto n.º 1.318, de 30 de janeiro de 1854.

BRASIL. Relatório do Ministério da Agricultura de 1876, p.45. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura>.

BRASIL. Carta “Brazil – Linhas telegráficas”. 1875. Imperial Instituto Artístico. Disponível na Biblioteca Luso-Brasileira. Coleção Biblioteca Fluminense.

BRASIL. Correspondência de 17 de agosto de 1919, de origem da Secretaria da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura, com destino à Diretoria de Terras e Colonização de Santa Catarina. APESC

BRASIL. Correspondência de 17 de agosto de 1919, de origem da Secretaria da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura com destinatário a Diretoria de Terras e Colonização. APESC.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Industria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Veículos terrestres e estradas de rodagens em 1927. Rio de Janeiro, 1929, p.76.

BOITEUX, José. Santa Catharina-Paraná. Questão de Limites. Rio de Janeiro. Typographia d’A Tribuna. Rio de Janeiro, 1890.

BORMANN, José. Levantamento expedido pelo Coronel José B. Bormann como parte dos trabalhos da Colônia Militar do Chapecó. Arquivo Nacional do Brasil.

CARVALHO FILHO, João Batista da Costa. Relatório apresentado ao Ex. Sr. Francisco Xavier da Silva- pelo secretário de obras públicas e colonização. João Baptista da Costa Carvalho. Curitiba: Impressora Paranaense em 25/10/1895. p. 47

D'ANVILLE. Carta “Le Paraguay – Surtes memoires des RR.PP Jesuites – Parte S. D’Anville, 1733”. Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores.

MAFRA, Manoel da Silva. Exposição Histórica-Jurídica por parte do Estado de Santa Catarina sobre a Questão de Limites com o Estado do Paraná. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1899.

Mapa Geral mostrando a Estrada de Ferro de Paranaguá a Coritiba e seu prolongamento até a Foz do Rio Iguaçu nos limites do Império com as Repúblicas Argentinas e do Paraguay. Companhia Geral de Estradas de Ferro Brasileiras, 1883.

“Mapa dos Campos de Palmas e territórios contíguos” (1843) de Tito Alves de Brito (disponível no site Biblioteca Digital Luso-Brasileira) ou ainda do “Mapa do Estado do Paraná” (1896) de autoria de Alberto Ferreira de Abreu, Cândido Ferreira de Abreu e Manuel Ferreira Correia.

MARCONDES DE SÁ, Manoel. Relatório sobre explorações dos “certões” que medeiam a Província do Paraná e Corrientes, 1864. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Rio de Janeiro, RJ.

MARCONDES DE SÁ, Manoel. Mappa da exploração no sertão compreendido entre a Província do Paraná e a República de Corrientes praticada por M. Marcondes de Sá por Ordem do Governo Imperial nos anos de 1863 e 1864. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Rio de Janeiro, RJ.

MENEZES E SOUZA, João Cardoso de (Barão de Paranapiacaba). *Theses sobre a Colonização no Brasil* – Projecto de solução as questões sociaes, que se prendem a este difficil problema. Relatório apresentado ao MACOP em 1875, pelo conselheiro João Cardoso de Menezes e Souza. Typographia Nacional. Rio de Janeiro. 1875

MONTEIRO, Luis José. Relatório sobre abertura de uma picada desde o Chagu até o rio Paraná” pelo Major do Corpo Imperial de Engenheiros, 1848 ou 1849. Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Rio de Janeiro, RJ.

MORIZE, HENRIQUE. Mapa da distribuição magnética da serra divisória da fronteira entre Brasil e Argentina divisor das águas do S.(anto) Antônio do Pepery Guassu, kilometro 09. 1902. Fonte: Museu de Astronomia e Ciências Afins. Fundo: Henrique Morize. Imagem: HM_M_0001.

PARANÁ. Carta Corográfica do Paraná, ano de 1882. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

PARANÁ. Catálogo Seletivo de Documentos referente aos Indígenas no Paraná Provincial (1871-1892).

Relatórios da Colônia Militar do Xapocó [vários anos]. Fundo Colônias Militares, Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, Rio de Janeiro.

RIO BRANCO, Barão do. Mensagem encaminhada a Salvador de Mendonça. Dezembro de 1894. Biblioteca Nacional do Brasil. Acesso: <https://www.bn.gov.br/>

RIBEIRO, Duarte da Ponte. *Exposição dos trabalhos históricos, geographicos e hydrographicos que serviram de base à Carta Geral do Império exhibida na Exposição Nacional de 1875*. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1876.

RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco. *Questão de Limites – República Argentina*. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem de Curitiba e Santa Catarina*. Tradução: Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed.USP, 1978.

SANTA CATARINA. Nota expedida pela Diretoria de Terras, Colonização e Agricultura no ano de 1926, remetendo ao Art. 6º, do Decreto 200, de 10 de setembro de 1903. APESC.

SANTA CATARINA. Mappa das Questões de Limites entre Paraná e Santa Catharina, demonstrada na evolução da geografia política do Sul do Brasil. Fonte: Arquivo Digital de Mapas Catarinenses. Secretaria do Estado do Planejamento. Disponível em: <http://www.spg.sc.gov.br/mapas/>

SANTA CATARINA/PARANÁ. Desenhos [mapas]. Comissão de Limites Paraná – Santa Catarina. Mapoteca da APESC.

SOUZA, Albuquerque. Relatório dos trabalhos executados pela Comissão de Limites Paraná – Santa Catarina. Biblioteca Nacional.

VARGAS, Getúlio. No limiar do ano de 1938 (Saudação aos brasileiros, pronunciada no Palácio Guanaraba e irradiada para todo o país, à meia noite de 31 de dezembro de 1937), Brasil: Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/getuliovargas/discursos-1/1937/08.pdf/at_download/file

WERNECK, Hermegildo Luiz dos Santos; KRAUSS, Carlos. Apontamentos Relativos às Explorações no Império. In: BRASIL. Ministério da Agricultura. *Relatório do Anno de 1865*. 1866.

ZEBALLOS, Estanislao. Alegato de la República Argentina sobre la cuestión de limites con el Brasil em el Territorio de Misiones. Washington, 1894.

MENSAGENS

PARANÁ.

Mensagem do Governador da Província do Paraná, Lamenha Lins à Assembleia Legislativa da Província. Ano de 1876. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

SANTA CATARINA

GOVSC-Men, 1911, p. 42. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens. 1922, p. 38. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Men, 1922, p. 49. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens. 1923, p. 51. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens. 1926, p. 53. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens. 1921. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens, 1900, p. 21. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>

GOVSC-Mens. 1926, p. 45-53. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>